

EDITORIAL

Uma nova noção de espaço, uma nova noção de tempo¹

É preciso ser louco para viajar? Para encarar o mar? Conhecemos o início de *Moby Dick*, no qual Melville transforma o desejo de deixar o lar em uma espécie de fatalidade, em meio ao imenso romance redigido nos prados verdejantes da Nova Inglaterra². Sabemos também que o sonho do novo foi uma das características da literatura na época da revolução industrial. Sejam apreciações críticas ou laudatórias, a constatação é universal: trata-se do século da máquina e da velocidade. O movimento está em toda parte, das bielas das locomotivas aos rolos tipográficos e às hélices dos navios a vapor. Apesar dos avanços técnicos, seguidos também de avanços médicos, de que desfrutam os países dominantes, os contemporâneos veem de forma negativa as tensões que habitam esse mundo. A comiseração em relação aos pobres, a repressão contra os primeiros sindicatos operários e o absoluto desprezo dos brancos pela maior parte dos outros povos bastaria para construir uma imagem. Mas, por debaixo do pano, orientações divergentes surgem: da superpopulação das zonas rurais europeias e da máquina a vapor nascem novos centros de povoamento e de desenvolvimento na América - Nova Iorque, Buenos Aires e São Paulo são os mais evidentes. O acesso à educação traz consigo uma sede de autonomia pessoal que se traduz pela invenção de modos de vida urbanos, pela propagação de ideais democráticos e socialistas e por diversos episódios revolucionários que frequentemente obrigaram seus líderes a tomarem o caminho do exílio. Enfim, a ruptura da relação tradicional entre as elites e o domínio agrícola, assim como a abertura de novos horizontes no mundo para os

¹ Stefan Zweig, in *Brasil, País do Futuro*. Durante o apogeu da cultura europeia, da qual é um representante excepcional. Fez inúmeras viagens e amizades entre os grandes criadores de seu tempo e adere ao pacifismo de Romain Rolland durante a guerra de 1914. Stefan Zweig (1881-1942) sofre, junto com outros milhões, a ameaça nazista aos espíritos independentes. Perseguido como judeu, ele deixa a Áustria em 1934 e se refugia em Londres, deixando a Europa por Nova Iorque e Rio de Janeiro, onde comete suicídio em 1942: nesta época o conflito mundial parece deixar a Europa entre as mãos de Hitler e Stalin.

² "Whenever I find myself growing grim about the mouth; whenever it is a damp, drizzly November in my soul; whenever I find myself involuntarily pausing before coffin warehouses, and bringing up the rear of every funeral I meet; and especially whenever my hypos get such an upper hand of me, that it requires a strong moral principle to prevent me from deliberately stepping into the street, and methodically knocking people's hats off—then, I account it high time to get to sea as soon as I can. This is my substitute for pistol and ball". [Ver aqui](#)

ocidentais, intensificou o desenvolvimento das viagens turísticas e da mobilidade individual. Ao mesmo tempo, essa transformação marcou os espíritos, e o artigo de Julien Jeusette, presente neste volume, dedicado ao tema da “fuga antecipada”, em que poesia e psiquiatria se encontram, consiste em uma leitura bastante interessante sobre o assunto.

Faltava apenas a invenção de instrumentos pessoais adaptados para que esse mundo se aproximasse do nosso. Charles Cros, que ficou para a posteridade como um poeta paradoxal, autor de *Coffret de santal*, recusa todo e qualquer arroubo de lirismo e cultiva uma auto ironia maliciosa. A relação entre essa postura literária e sua atividade de pesquisa sobre tecnologias inovadoras, como chamaríamos hoje, não foi estabelecida. Ele desenvolveu diversas técnicas pioneiras como o telégrafo, a fotografia colorida, e o registro sonoro – sentia necessidade de tais equipamentos para expressar completamente a modernidade e esboçava a possibilidade de nossos equipamentos multimídia. Decididamente precursor, em 1870 ele se dedicou à escrita de monólogos curtos redigidos para o comediante Coquelin Cadet do teatro do *Chat noir*. Suas cenas da vida moderna são também breves esboços - enredos curtos, sketches radiofônicas ou prévias das páginas de um blog. Cros havia capturado o sentido da modernidade: *L'homme pressé*, *L'homme qui a voyagé*, entre outros exprimem ligeiramente o desenraizamento que opera sob a insígnia do progresso e faz do observador sagaz um personagem contemporâneo central. De certa maneira, Charles Cros intuiu aquilo que veio a ser nosso mundo, um conjunto de relações em que os sons, as imagens, as trocas e o diálogo interveem constantemente. A cidade moderna ainda comporta um “lar”? O *flâneur* baudelairiano volta durante a noite à sua escrivaninha para destilar suas impressões e colocá-las por escrito, evidenciando assim o fato de que tudo se passa no “lá fora”. De uma pretensa interioridade restariam apenas as técnicas de escrita sobre o papel, a placa fotográfica, seguida do disco de vinil ou das películas de filme – a “reportagem” seria a verdade moderna e Paula Ferraro mostra o olhar dos escritores Lima Barreto e Roberto Arlt sobre isso. Lima Barreto questiona o status da medicina em sua pretensão científica de discernir a loucura nos comportamentos desviantes no Rio de Janeiro. Roberto Arlt canta a loucura cosmopolita e diversificada que circula em Buenos Aires. Existe neste caso uma mistura de gêneros que pode ser vista de forma bastante concreta e dá continuidade àquilo que aparecia, com frequência, apenas de

maneira simbólica no imaginário dos contos, como mostra Junia Barreto, na apresentação do texto *Han d'Islande*, romance de juventude de Victor Hugo, no qual é evidente a intensa utilização de visões fantásticas na descrição literária das cidades.

Escrito quando o autor tinha apenas dezoito anos, esse romance mostra que o fantástico oriundo da metamorfose dos contos de fada alimenta o imaginário de Victor Hugo desde o início e que o autor procura associar precocemente gêneros literários heterogêneos, aspecto que intensifica o efeito produzido no leitor. Entretanto, a modernidade transforma o cotidiano em espetáculo: por volta de 1900, as metrópoles da América são povoadas de imigrantes vindos de todas as partes do mediterrâneo ou das zonas costeiras do norte da Europa; eles realizam todos os ofícios menores e evidenciam a cidade como movimento permanente.

Essa maneira de assumir o divertimento pascaliano - não poder ficar nem uma hora dentro do quarto - caracteriza uma espécie de nomadismo generalizado que se adequa aos movimentos frenéticos entre as avenidas de uma cidade, onde o jornalista flana como um vendedor ambulante. Escrito em 1794 por um jovem nobre obrigado a ficar seis meses de cama depois de um duelo, *Voyage autour de ma chambre*³³, de Xavier de Maistre é ironicamente precursor. Esse desvio literário de uma imobilidade forçada tem como interlocutor o famoso *Anywhere out of the world* de Baudelaire, adepto de Edgar Poe. O nomadismo seria uma atitude moderna, uma reação incontrolável ao fato de que o real se torna abstrato, de que somos desprovidos de lar, expulsos de nós mesmos.

Viagem, metáfora do século XIX

Existe incontestavelmente uma continuidade entre a transformação do cotidiano das grandes cidades em torno de 1860 e as formas de pensamento do século seguinte. Essa diferença transforma nossos hábitos intelectuais, pois as antecipações e os "atrasos" importam muito mais que as cronologias. Admitiremos a

³ [Ver aqui](#) No momento em que ele escreve esse texto brilhante, Xavier de Maistre havia deixado sua Savoie natal e se instalado em Piémont, nobre "émigré" contra à Revolução. Militar, pintor, homem de letras, ele passará pela Sardenha, se colocará a serviço do exército russo e passará a maior parte de sua longa vida em São Petersburgo. É preciso lembrar que "émigrés" é o termo utilizado na França para designar os nobres que deixaram o país ao invés de aceitar as transformações revolucionárias e que os mesmos participaram ativamente das campanhas militares organizadas a partir de 1792 contra a França.

coexistência de grupos humanos que não vivem no mesmo "mundo", ou que uma cidade possa estar "à frente do seu tempo". Entretanto, temos menos tempo para pensar no lapso entre o surgimento de um fenômeno e o momento em que este é finalmente bem analisado. No entanto, tudo indica que os diversos setores da experiência humana não estão sincronizados uns com os outros, o que demandaria uma reflexão mais aprofundada. Contentemo-nos aqui em observar que foram necessárias duas ou três gerações para que os novos fatos relacionados às grandes cidades encontrassem junto aos escritores e pensadores, e mesmo aos arquitetos, expressões mais adequadas do que suas primeiras formulações. Esse fato poderá ser constatado mais adiante, na leitura do artigo dedicado às casas encomendadas por um português imigrante no Brasil e construídas quase simultaneamente nesse e em Portugal. Trata-se de dois hotéis particulares construídos após 1910 no estilo dos chalés de vilegiatura, seguindo a moda vigente durante o Segundo Império francês: é possível habitar o novo mundo e olhar para o passado. Evidentemente, a postura oposta também existe: Gisélle Razera mostra como a longa carreira de Camilo Castelo Branco lhe permitiu reivindicar, a partir de 1870, a paternidade do romance realista, ao cabo de uma fase romântica. Ele se interessa então pelos temas associados à imigração portuguesa no Brasil. Esse interesse coincide de fato com a rápida progressão de partidas da Europa em direção às Américas. Particularmente em direção ao Brasil onde,

7



Imagem 1 - Maquete de um grande clíper. Munich, Deutsches Museum.
Foto : GW

a partir do momento em que as leis proíbem o tráfico negro e alforriam os filhos de escravos, como assinala Eduardo Andrés Ruz Torres neste volume, a chegada de europeus é solicitada. Dentre os quais, um terço de Italianos, quase a mesma quantidade de Portugueses e 15% de

Espanhóis. Muitos dentre eles viam a incapacidade de continuar a vender cereais em suas regiões em razão da chegada massiva na Europa, em grandes navios, do trigo vindo das planícies americanas. O anonimato do universo urbano atrai tanto um pensamento de "derrelição" de que falam autores sedentários como Heidegger, quanto os filósofos do acolhimento do outro, de acordo com pensadores cujas vidas se desenrolaram no cruzamento de várias línguas. Lévinas, pensador judeu francês de origem lituana, constrói sua obra a partir da ideia de que, apesar da artificialidade aparente de nossos ambientes, estamos incontestavelmente ligados uns aos outros, desde o nascimento até a morte. Todo verdadeiro encontro é uma brecha onde predomina a emoção e o reconhecimento do outro. Na contramão da instrumentalização, estamos todos à disposição do outro, em dívida com ele. Nós lhe devemos proteção absoluta. É na relação com o outro que aprendemos a nossa própria humanidade. Para autores "progressistas", o mesmo desafio leva à busca de formas de empatia e ao desdobramento de uma coletividade em curso: é o caso da *auto-instituição* de Castoriadis (exilado grego), da *convivialidade* de Illich (exilado austríaco) ou da *ligação* de Morin (judeu francês engajado na resistência de 1942). A cidade grande transforma as formas de pensamento e poderia nos fazer deixar de lado o essencial: Ulisses, em busca do retorno ao lar, conserva sua referência inicial; o cidadão é sempre levado para fora de seu lugar. Vemos com que desespero Virginia Woolf suplica "Um teto todo seu" para assumir sua personalidade literária, como leremos mais adiante no artigo de Francisco de Souza Gonçalves.

O exílio é uma metáfora, assim como o enclausuramento também é passível de ser. O olhar de Norma Telles sobre a situação das mulheres educadas no Brasil no século XIX aborda brevemente essas expressões. Sem poder publicar o suficiente nem serem lidas, elas teriam minado secretamente as certezas dominantes, machistas e escravocratas. Essa literatura consistiria em uma forma ainda não declarada de alternativa. A posição da mulher escritora depois de Mary Shelley, George Sand, Colette, Virginia Woolf ou Simone de Beauvoir teria sido preparada por aquela da migração, desde o exílio, em uma privacidade falaciosa ditada por uma censura ativa, até a superexposição em voga hoje. Mulheres e marginalizados são definidos pela impossibilidade de acesso à publicação. A escrita é uma forma de objetivação de si, logo de libertação: a publicação simboliza essa emancipação.

O tema central deste volume é particularmente atual. Fenômeno novo no século XIX, a migração não cessou até hoje. A OCDE⁴ publicou em setembro de 2015 um relatório sobre a migração para os países desenvolvidos membros dessa organização (da qual o Brasil não faz parte). Tal quantidade de migrantes nunca foi vista no passado. Mais de 4 milhões de pessoas deixam seus países cada ano para entrar em um dos países da OCDE. Viagens, migrações, nomadismos e exílios. Memórias e heranças de deslocamentos territoriais. Evidentemente, tal temática não pertence ao século XIX. Nessa época, *La bohème* é uma ópera cuja temática é derivada das *Cenas da vida boêmia* de Henri Murger. Trata-se dos ambientes frequentados pelos artistas parisienses às vésperas da revolução de 1848, não da viagem de *bohémiens*, como os franceses chamavam na época esses atravessadores de fronteira da Europa Central, *tziganes ou roms, gitans*⁵ se vinham da Espanha. Viollet-le-Duc escreveu: "esse artista, boêmio civilizado, ativo vivendo dia a dia, vizinho do luxo e da miséria, trabalhando não se sabe até quando, e produzindo obras primas não se sabe onde nem como, entre um café da manhã no Véfour e um baile da Ópera, jogador, imoral e cheio de vontade, cético e dedicado, ligeiro e profundo, satírico e sensível; esse paradoxo vivo não existe mais... senão nas comédias."⁶ Nessa carta surpreendente, apresentada e traduzida neste volume por Renato Menezes Ramos, o arquiteto expressa um "pensamento oficial". Ele expõe uma visão rígida da arte. Preocupados com o belo, os artistas seriam exclusivamente movidos por uma intenção pura, nem revolucionária nem aliada do movimento, pois ela visa a perfeição. O *parti de l'ordre* pode respirar e celebrar as iluminações dos *Grands Boulevards*.

Se o termo "*bohème*" remete, sobretudo, ao incômodo e não à viagem, como caracterizar os movimentos de população no século XIX? Antes de 1850, o termo "*vagabundo*" era mais usado que os termos nômades ou migrante. Os pobres e as populações excedentes que as crises agrárias recorrentes forçam a partir⁷ precedem as grandes migrações transatlânticas. No início, essas migrações eram em geral sem

⁴ [Ver aqui](#).

⁵ Os termos não possuem tradução direta para o Português e por esse motivo figuram em Francês.

⁶ A tradução integral e uma apresentação da carta se encontram neste mesmo volume.

⁷ Bronislav Geremek consagrou seus estudos a este tema e publicou *La Potence et la Pitié. L'Europe des pauvres, du Moyen Âge à nos jours*, Gallimard, 1987. Ele foi inclusive um dos principais responsáveis do movimento sindical Solidarność na Polônia.

possibilidade de retorno, dada à escassez dos meios de comunicação, dentre outros fatores.

Essa situação deveria continuar durante uma parte do século seguinte, como explica Mágnia Tânia Secchi Pierini sobre *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão, publicado em 1926. Essa relação com a viagem concerne aos letrados de um período em que os contatos via rádio ainda eram uma raridade técnica⁸. É claro que esse texto é motivado por uma preocupação bem diferente daquela que anima a massa de migrantes. Trata-se de uma viagem com possibilidade de retorno, parte de um turismo aristocrático que se desenvolveu ao longo do século XIX: Jules Verne tinha seu próprio navio para grandes viagens. Madeira, esse planalto vulcânico em pleno oceano, foi o lugar escolhido por Cristóvão Colombo para se retirar depois de suas explorações marítimas: a pequena ilha de Porto-Santo ainda abriga intacta a casa com jardim florido que se inclina em direção ao oceano. O arquipélago dos Açores continua a ser ainda hoje uma escala apreciada pelos velejadores que vão em direção ao Caribe. Brandão se debruça sobre o que pode ter sobrevivido de uma sensibilidade às viagens, pouco antes que o estereótipo, hoje generalizado, nos faça encontrar os mesmos emblemas e dispositivos comerciais de um país a outro. Logo, não é de se espantar que essa *viagem* não tenha sido um sucesso comercial. Mas essa expedição que leva aos arquipélagos esquecidos pela história aponta uma nostalgia sensível em relação aos lugares de memória. Não é absurdo falar de um "eixo cósmico" nos Açores.

Em tais lugares simbólicos, existe uma espécie de mistério que projeta sobre um lugar uma sombra vinda do passado. Esse é um lugar que exploramos para que possamos sentir o distanciamento, a reserva inacessível às palavras de que dispomos. A fascinação que exercem os lugares extraordinários, naturais ou habitados, se deve a essa distância silenciosa em que eles nos mantêm. Como falar de um lugar onde vemos um símbolo? Esse é particularmente o caso das ilhas, microcosmos fechados e simultaneamente abertos ao mundo. Daniel Defoe sabia disso ao escrever *Robinson*, e posso atestar que a paisagem de uma península sarda surge quando estamos à procura

⁸ Em todo caso, os Açores e Madeira foram pontos importantes de transmissão de cabos telegráficos para as Américas no fim do século XIX. Ver, por exemplo, um breve documento [documentário](#) português e um [texto](#) surpreendente de sobre as possibilidades de extensão do telégrafo (*Le télégraphe océanique, La revue des Deux Mondes*, 1863). Esse texto é anterior à implantação do serviço operacional de um cabo norte - Atlântico entre Valentia (Irlanda) e Terra-Nova (Canadá) em 1868, uma primeira tentativa, em 1858, funcionou apenas por algumas semanas.

de um porto grego cujo sitio foi preservado de toda e qualquer atividade depois de quase dois mil anos. Assim como Guernsey, lugar onde Victor Hugo ficou exilado por dezenove anos, vê seu charme acrescido pela presença em seu solo de vestígios minerais de uma ocupação humana que seu deu há mais de sete mil anos, túmulos, dólmens ou câmaras funerárias afloram entre rochas e dunas. Nos anos de 1930, o



Imagem 2 - Vista da casa de Victor Hugo em Guernsey.
Foto: GW.

antropólogo Michel Leiris se confrontou sob dois ângulos diferentes a essa dimensão da linguagem, filtro da nossa relação com o mundo e com nós mesmos. A *África fantasma* demonstra a insuperável discrepância entre os homens da missão "Dakar-Djibouti" e os lugares que atravessam, a *Idade do homem* abre o caminho para uma autobiografia concebida como uma viagem introspectiva. Dessa forma, a modernidade nos distancia de nossos lugares através de uma força de desapropriação ilustrada pela migração e pela viagem.

11

Emigração, entre
pobreza e opressão

Em matéria de viagens e migrações, o estilo do século XIX permanece quase intacto até as vésperas da Segunda Guerra Mundial. A conjunção dos progressos técnicos nas transmissões de rádio e a aviação modificam radicalmente o contexto das migrações. A partir da primeira metade do século XX, deixar o lar não significa mais necessariamente perder os contatos. O correio aéreo democratiza as trocas a distância.

Sobretudo, as migrações deixam de estar necessariamente ligadas à criação de centros industriais e estabelecem uma conexão cada vez maior com conflitos ideológicos. O exílio dos judeus alemães começa antes de 1933 e Theodor Herzl, fundador do sionismo, havia teorizado no século XIX a necessidade dos judeus da Europa central deixarem a Europa para se instalar na Palestina. A migração como desafio político é analisada apenas no momento em que ela se abate sobre aqueles que fogem da miséria: também era preciso fugir do medo. É exatamente o que aponta Vilém Flusser: "ter perdido o lar não é ter abandonado um lugar, mas ter que viver em lugar inabitual, portanto inabitável. Ter que viver em ambiente no qual não nos reconhecemos. Estamos de mudança, porque o nosso mundo se transformou tão radicalmente que se tornou inabitual e inabitável. Não nos reconhecemos nele. E é a isto que não podemos habituar-nos"⁹. Flusser era habitado pela convicção de que a humanidade não retomaria o controle. O destino dos burgueses não difere em seu âmago do destino das vítimas da fome e do genocídio: a barbárie nascida de nossos progressos não poderá ser contida em nosso mundo "unidimensional" (Marcuse). As gerações anteriores podiam sonhar com a eternidade, nós estamos presos na equação Território = Transitório.

12

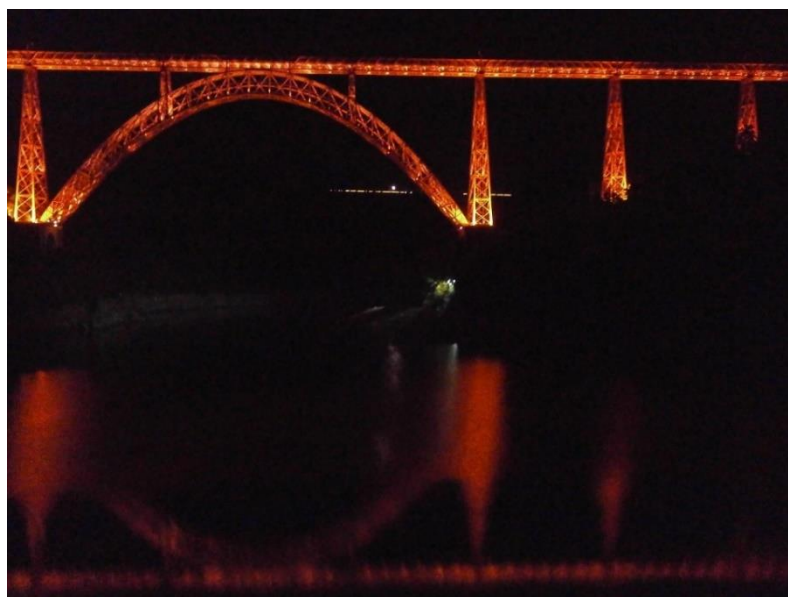


Imagem 3 - Território = Transitório. Viaduto de Garabit. Gustave Eiffel, 1884.
Foto: GW.

⁹ FLUSSER, Vilém, [Nossa morada](#).

Em 1915, um diplomata americano em Istambul criou o termo genocídio para caracterizar as ações do exército turco contra os Armênios deportados e massacrados. Os sobreviventes se espalharam por todo o mundo. As literaturas de exílio e a problemática das migrações realçam uma elaboração posterior a 1930 e simbolizam o término tardio do século XIX. *Le voyage au bout de la nuit* de Céline é uma referência cômoda. Publicado em 1932, ele descreve a guerra de 1914 como uma espécie de exílio *in loco* em um *im-monde* e obtém o Prêmio Renaudot. No ano anterior, Saint-Exupéry publicava *Vol de nuit*, que ganhou o Prêmio Femina.

O exilado moderno não é mais um homem do campo expulso pela miséria, mas um homem qualquer que o destino transforma em vítima e em combatente. Uma pessoa educada que escolhe um destino aventureiro e parcialmente nômade não escapa a essa determinação. Narrativas de estilos bem diferentes podem evocar essa situação: as obras de Canetti ou de Beckett expressam-na de maneira frontal, enquanto os filmes de Spielberg ou de Clint Eastwood o fazem de maneira figurada.

Percebemos os eventos da segunda metade do século XIX como premonitórios. Deixar a pátria e recomeçar do zero também é combater. Os milhares de Europeus que partiram de Hamburgo¹⁰ ou de Gênova para as Américas tinham consciência disso, mas será que eles puderam deixar rastros? Eles trabalharam, amaram, educaram seus filhos, envelheceram e partiram depois de terem transformado e fecundado as cidades que os acolheram - pedreiros, lojistas, alfaiates, cabelereiros, entregadores¹¹. A principal característica da "cidade grande" do século XIX é o cosmopolitismo. É precisamente essa característica resultante das migrações que os nostálgicos europeus de ordem romântica e aldeã apontaram como obra oculta de judeus "apátridas". Logo, o ponto de ruptura entre essas duas épocas é justamente a polarização na "metrópole", termo de época trazido à luz por Fritz Lang, futuro exilado.

Voltemos à cronologia do século XIX. A circulação pouco intensa antes de 1850 salienta a chegada de uma grande quantidade de jovens de origem rural nos *faubourgs* das grandes cidades europeias para ocupar os novos empregos de

¹⁰ O coletivo de revistas Eurozine retomou o assunto em [Hamburgo em 2012](#).

¹¹ Paul-André Rosenthal coloca claramente que dentre os indivíduos das populações que migram para a Europa, a pequena parcela que migra para mais longe é proporcionalmente mais cidadina e menos iletrada que a maior parte das pessoas que migram para lugares mais próximos de onde nasceram: [Ver aqui](#).

operários e de técnicos criados pelas fábricas¹². Assistimos à criação de novos territórios industriais na Europa e na América do Norte em torno de minas de carvão e de siderúrgicas, de tecelagens e de estaleiros. De maneira geral, esse movimento de grandes proporções definitivamente não atraiu olhares surpresos nem foi seguido de perto pelos literatos. Podemos mencionar os economistas são simonianos, assim como as célebres enquetes de Villermé sobre a saúde dos assalariados na França¹³. Na Inglaterra, podemos citar não apenas Marx, que estudou os economistas e a quem a concentração industrial inspirou a descrição de um proletariado cuja emancipação seria potencialmente revolucionária, desde que um sindicalismo clarividente viesse organizá-lo, mas também Charles Dickens e John Stuart Mill, cuja influência sobre os movimentos sociais e o "trabalhismo" foi determinante¹⁴.

Mesmo se o movimento em direção às Américas persiste desde 1500, é em torno de 1850 que os grandes movimentos populacionais em direção ao novo mundo se amplificam. A corrida do ouro californiana começa em 1848, a fome na Irlanda dura de 1845 a 1852 e vários milhões de pobres fogem da ilha em direção à Grã-Bretanha e à América do Norte. Depois de 1860, os *steamers* inauguram linhas regulares que transportarão anualmente milhares de emigrantes alemães e italianos, espanhóis ou suecos, franceses ou holandeses, suecos ou romenos, povos mediterrâneos (Gregos, Libaneses, Sírios...) ou tchecos até a costa da América do Norte e do Sul. A proporção de franceses, inferior à de outras nações, explica-se pelo fato de o país registrar, desde o início do século XIX, uma forte redução da taxa de natalidade¹⁵: a combinação de miséria e de superpopulação é menor do que em outros países. Além disso, uma possibilidade mais confortável era oferecida na Argélia, recentemente conquistada e rapidamente povoada por populações europeias - Italianos e Espanhóis partem em grandes números ao lado dos Franceses.

¹² [Ver aqui](#). É importante notar que, em termos de proporção, desde essa época, os cidadãos circulam mais de um lugar a outro do que a população rural. Ver [P-A ROSENTHAL, P-A](#).

¹³ [Ver aqui](#). Ver também a obra pioneira em 1958 de Louis Chevalier, [Classes laborieuses, classes dangereuses](#).

¹⁴ Ver o [artigo](#) sobre a obra clássica de Thompson e a síntese mais ampla da era industrial, ver os [trabalhos](#) de Eric Hobsbawm.

¹⁵ Sobre a história da população francesa, [ver aqui](#). O autor nota que a redução da fecundidade (desde 1770 na França) explica a estagnação da população francesa, enquanto que a dos países vizinhos dobra no século XIX: a redução da fecundidade aparece nesses países depois da redução média da mortalidade.

Antes de tudo, deve-se estabelecer o elo entre migração e pobreza. Se o proletariado industrial está em processo de se sedentarizar, os "móveis" são camponeses que, ao se tornarem mineiros, pescadores ou operários, participam da construção do mundo capitalista, sem ter voz. Foi preciso um Emile Zola, filho de um italiano que conseguiu se instalar no Sul da França, ou um Joseph Conrad, polonês que passou anos na marinha mercante e estava familiarizado com os grandes portos europeus, para dar conta da atmosfera desses anos de transição. Eles rompem com a corrente dominante dos escritores atraídos pelo charme do exotismo e cuja jornada no Oriente se torna objeto de uma relação literária.

Exílio, figura política

Este número baliza um momento de passagem, de um contexto onde tomar a palavra é um ato reservado a uma minoria dominante a um momento onde ela se torna uma reivindicação política para todos. Depois dos primeiros anos de uma república frágil, marcada pela censura e pela repressão dos *Communards* de 1871, a lei francesa de 1881 sobre a liberdade de expressão e de publicação representa uma guinada. Uma das preocupações dos escritores do fim do século XIX é de transcrever a oralidade do povo em forma literária: como é possível verificar neste volume, graças a Janaína Pinto, que traduz um conto de Joris-Karl Huysmans dedicado à guerra de 1870, que viu as tropas francesas se curvarem diante da investida prussiana.

O exílio político é uma figura minoritária, colocada em segundo plano em relação à imigração. O exilado recusa a emigração e pensa apenas no retorno. A repressão política e o exílio, assim como a perda de cidadania e o racismo, são de natureza diferente da emigração escolhida como meio de escapar da miséria de sua região e pedem outras reflexões. Essa relativização ao mesmo tempo técnica e semântica é um dos pontos centrais do dossiê proposto. Uma figura excepcional é a do capitão Alfred Dreyfus que, condenado à deportação e à prisão em Caiena após uma acusação falsa e um processo injusto, pôde finalmente voltar para a França depois de ser anistiado. Se essa história é bastante conhecida, os cadernos rabiscados na prisão, que Dreyfus conservou e que se encontram hoje na Biblioteca Nacional da

França, foram publicados apenas recentemente¹⁶. Ver a que confinamento esse engenheiro militar foi submetido durante anos é algo bastante pungente. Ele se abandonou a diversos procedimentos gráficos compulsivos para não perder a esperança e resistir à loucura: reflexões sobre algumas memórias de leitura, cálculos e grafismos repetitivos permeiam os cadernos do detento. As literaturas de exílio não são, em sua maioria, livros editados. Deveríamos prestar mais atenção às expressões sem caráter estético ou poético, a essas formas de resistência à loucura e ao encarceramento: o exílio não é o mesmo que a prisão. O estudo das expressões carcerárias seria um imenso domínio a explorar.

Finalmente, este volume evoca a situação problemática dos escritores no exílio. Eles precisam ao mesmo tempo se manter e dar prosseguimento a sua obra. Desde seu exílio em Londres, Jules Vallès, condenado à morte na França como um *Communard*, luta sem descanso para manter sua presença na cena literária na esperança do retorno. Sem nenhum tipo de suporte material, desencorajado pela censura de seu nome de proscrito, ele se apoia nos amigos franceses para manter sua reputação. Virginie Prioux apresenta aqui, através de trocas epistolares entre Vallès e Zola, uma noção das estratégias editoriais utilizadas para enfrentar a censura que reina em Paris até 1880¹⁷, e vemos a importância concreta das redes de contatos pessoais de recomendação graças às quais um autor pode contornar a censura, não sem algum desespero: esperar que a posteridade lhe faça justiça não devolvem os anos perdidos. Vallès viverá apenas cinco anos após seu retorno. A repressão dos *Communards* mancha os primeiros passos da república na França. Os autores que voltaram do exílio interiorizaram uma rigidez de pensamento e uma capacidade reforçada de enfrentar as adversidades. Eles se radicalizaram, assim como Louise Michel, que viveu até 1905 como militante anarquista após seu retorno da Nova Caledônia, em 1880. Prestemos homenagem, pois é essencial que vozes se elevem para apelar às consciências quando homens são humilhados.

¹⁶ [Ver aqui](#)

¹⁷ Zola, assim como Vallès, teve que se exilar depois da Comuna de Paris. Ele não foi condenado e pôde voltar para a França em pouco tempo. Se ele foi levado a apoiar seu colega condenado, não é apenas por razões de estima, mas por solidariedade entre exilados. [Ver](#) BECKER, Colette. Correspondances d'exilés. In *Cahier Jules Vallès* n° 28 1999, « Correspondance d'exil », dirigido por Silvia Disegni.

De fato, é preciso sempre um esforço para sair dos limites pré-estabelecidos e vislumbrar possíveis inovações. O esplendor moderno das cidades veio junto com reações hostis às mestiçagens. Seu crescimento foi impressionante: São Paulo tinha menos de 30.000 habitantes em 1872. A polarização europeia contra as evoluções foi arrasadora... e teve por consequência uma expansão ainda mais rápida das principais cidades da América. Menos trágicas foram as migrações de engenheiros ou de artistas e as peregrinações de jornalistas, de diplomatas e de escritores que viram essas personalidades se lançarem em grandes viagens e expressarem sua criatividade onde chegaram. Dessa herança provém o essencial de nosso mundo

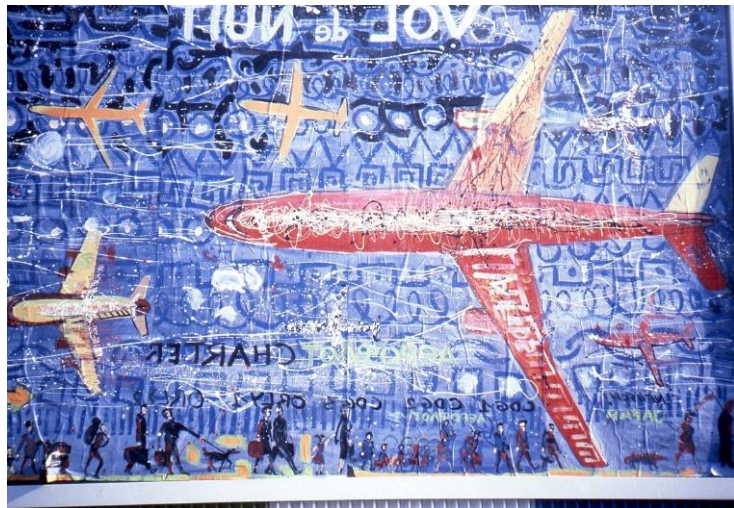


Imagem 4 - Voo de noite. Foto: GW

Pelo fato desta publicação ter escolhido um grande número de contribuições de qualidade, das quais muitas são francesas, os editores decidiram publicar regularmente o editorial em francês e em Português, com o intuito de atingir um leitorado mais amplo, o que não seria possível a partir da justaposição de línguas em um mesmo conjunto de textos.

17

Gérard WORMSER

Diretor da Revista Sens Public
www.sens-public.org

Tradução

Clara Cerqueira Fernandes
Master en Traduction Littéraire et Édition Critique

EDITORIAL

Un sens nouveau de l'espace, un sens nouveau du temps¹

Faut-il être fou pour voyager ? Pour prendre la mer ? On connaît le début de *Moby Dick*, où Melville fait de l'envie de quitter son chez-soi une forme de fatalité, à l'orée de l'immense roman rédigé au milieu des prés verdoyants de la Nouvelle-Angleterre². On sait aussi que le rêve du nouveau fut l'un des ressorts de la littérature de l'époque industrielle. Que l'appréciation soit critique ou laudative, le constat est universel : ce siècle est celui de la machine et de la vitesse. Le mouvement est partout, des bielles des locomotives aux rouleaux d'imprimerie et aux hélices des navires à vapeur. Derrière les progrès techniques, et bientôt médicaux, dont profitent les pays dominants, les contemporains perçoivent d'ailleurs mal les tensions qui habitent ce monde. La commisération envers les pauvres, la répression contre les premiers syndicats ouvriers et le souverain mépris des Blancs pour la plupart des autres peuples suffirait à dessiner le tableau. Mais, à petit bruit, des orientations divergentes se font jour : de la surpopulation des campagnes européennes et de la machine à vapeur naissent de nouveaux centres de peuplement et de développement en Amérique – New York, Buenos Aires et São Paulo étant les plus visibles. L'éducation qui se répand porte avec elle une soif d'autonomie personnelle qui se traduit par l'invention des modes de vie urbains, la propagation des idéaux démocratiques et socialistes, et divers épisodes révolutionnaires dont la conséquence fut souvent d'obliger les meneurs à prendre le chemin de l'exil. Enfin, la rupture du lien traditionnel des élites avec un domaine agricole et l'ouverture de nouveaux horizons dans le monde pour les

18

¹ Stefan Zweig, in *Le Brésil, terre d'avenir*. A l'apogée de la culture européenne, dont il est un représentant exceptionnel. Il multiplie les voyages et les amitiés parmi les grands créateurs de son temps, rejoint le pacifisme de Romain Rolland pendant la guerre de 1914. Stefan Zweig (1881-1942) subit, avec des millions d'autres, la menace nazie sur les esprits indépendants. Visé comme juif, il quitte l'Autriche en 1934 et se réfugie à Londres, puis quitte l'Europe pour New York et Rio de Janeiro, où il se suicide en février 1942 : à cette date, le conflit mondial semble laisser l'Europe entre les mains de Hitler et Staline.

² « Whenever I find myself growing grim about the mouth; whenever it is a damp, drizzly November in my soul; whenever I find myself involuntarily pausing before coffin warehouses, and bringing up the rear of every funeral I meet; and especially whenever my hypos get such an upper hand of me, that it requires a strong moral principle to prevent me from deliberately stepping into the street, and methodically knocking people's hats off—then, I account it high time to get to sea as soon as I can. This is my substitute for pistol and ball ». [Ver aqui](#).

Occidentaux intensifia le développement des voyages touristiques et de la mobilité personnelle. Simultanément, cette transformation frappe les esprits et on lira avec intérêt l'article que Julien Jeusette consacre dans ce volume au thème de la *fuite en avant*, où se rencontrent de manière stimulante la poésie et la psychiatrie.

Il ne manquait plus que l'invention d'instruments personnels adaptés pour que ce monde se rapproche du nôtre. De Charles Cros, la postérité retient qu'il est un poète paradoxal, l'auteur du *Coffret de santal* se refusant à tout élan de lyrisme et cultivant une auto-ironie malicieuse. Le lien n'est pas établi entre cette posture littéraire et son activité de chercheur en technologies innovantes, comme nous dirions. Il développa diverses techniques pionnières du télégraphe, de la photographie en couleur, et de l'enregistrement sonore – il sentait le besoin de tels équipements pour exprimer complètement la modernité et esquissait la possibilité de nos équipements multimédia. Décidément précurseur, il rédigea après 1870 de courts monologues écrits pour le comédien Coquelin Cadet au Théâtre du Chat noir. Ces saynètes de la vie moderne sont autant de brèves esquisses – courts scénarios, sketches radiophoniques ou pages de blogs par anticipation. Cros avait saisi le sens de la modernité : *L'homme pressé*, *L'homme qui a voyagé*, etc. expriment légèrement le déracinement à l'œuvre sous l'enseigne du progrès et font de l'observateur sagace un personnage contemporain central. En quelque sorte, Charles Cros eut l'intuition de ce qu'est devenu notre monde, un ensemble de relations où interviennent en permanence les sons, les images, les échanges et la conversation. La ville moderne comporte-t-elle encore un « chez-soi » ? Le flâneur baudelairien revient nuitamment à son écritoire pour distiller ses impressions et les coucher par écrit ; mais il atteste ainsi que tout se passe « dehors ». D'une prétendue intériorité ne resterait que des techniques d'écriture, sur papier, sur plaque photographique, bientôt sur disque sonore ou pellicules de films – le « reportage » serait la vérité moderne, et Paula Ferraro montre oriente le regard des écrivains Lima Barreto et Roberto Arlt. Lima Barreto interroge le statut de la médecine dans sa prétention scientifique à discerner la folie dans des comportements déviants à Rio de Janeiro. Roberto Arlt chante la foule cosmopolite et bigarrée qui déambule dans Buenos-Aires. Il y a là un mélange des genres très concrètement visible, qui vient relayer ce qui apparaissait le plus souvent seulement de manière symbolique dans l'imaginaire des contes, comme le montre Junia Barreto dans sa présentation du texte *Han*

d'Islande, œuvre de jeunesse de Victor Hugo, dont on sait combien il introduit les visions fantastiques dans sa description littéraire des villes. Rédigé par un auteur âgé de dix-huit ans, ce roman indique que le fantastique issu d'une métamorphose des contes de fées irrigue l'imaginaire hugolien depuis ses débuts, et qu'il s'oriente précocement vers la mise en rapport de genres littéraires hétérogènes, ce qui intensifie l'effet produit sur le lecteur. Mais la modernité fait du quotidien un spectacle : autour de 1900, les métropoles d'Amérique sont peuplées d'immigrants venus de tout le pourtour méditerranéen ou des côtes du Nord de l'Europe ; ils font tous les petits métiers et donnent à voir la ville comme mouvement permanent.

Cette manière d'assumer le *divertissement* pascalien – *ne pouvoir rester une heure dans sa chambre* – caractérise une sorte de nomadisme généralisé qui s'accommode de mouvements tourbillonnants entre les avenues d'une ville, où le journaliste flâne comme le marchand ambulant. Ce mouvement sur place serait-il une forme de la modernité ? Rédigé en 1794 par un jeune noble consigné six semaines dans sa chambre après un duel, le *Voyage autour de ma chambre*³ de Xavier de Maistre est ironiquement précurseur. Ce détournement littéraire d'une immobilité contrainte a pour répondant le fameux *Anywhere out of the world* de Baudelaire adapté d'Edgar Poe. Nomadiser serait une attitude moderne, une réaction incontrôlable au fait que le réel devient abstrait, que nous sommes « sans feu ni lieu », jetés hors de nous.

20

Le voyage, métaphore du dix-neuvième siècle

Il y a incontestablement une continuité entre le bouleversement du quotidien des grandes villes vers 1860 et les pensées du siècle suivant. Ce décalage bouleverse nos habitudes intellectuelles car les anticipations et les « retards » importent bien plus que chronologies. On admettra la coexistence de groupes humains qui ne vivent pas dans le même « monde », ou qu'une ville puisse être « en avance sur son temps ». Mais on a moins l'occasion de penser aux décalages entre l'apparition d'un phénomène et

³ [Ver aqui](#). Au moment d'écrire ce texte brillant, Xavier de Maistre a quitté sa Savoie natale pour le Piémont, noble émigré opposé à la Révolution. Militaire, peintre et homme de lettres, il passera en Sardaigne, puis se mettra au service des armées russes, et passera l'essentiel de sa longue vie à Saint-Pétersbourg. Il faut rappeler qu'on a nommé en France « émigrés » les nobles qui quittèrent la France plutôt que d'accepter les transformations révolutionnaires, et que ceux-ci participèrent activement aux campagnes militaires organisées à partir de 1792 contre la France.

le moment où il finit par être bien analysé. Cependant, tout indique que les divers secteurs de l'expérience humaine ne sont pas en phase les uns avec les autres. Cela appellerait d'amples développements. Contentons-nous ici de noter qu'il a fallu deux ou trois générations pour que les faits nouveaux liés aux grandes villes trouvent chez les écrivains et les penseurs, et les architectes eux-mêmes, des expressions plus adéquates que leurs premières formulations. On le constatera plus loin en lisant l'article de Paula Peixoto consacré aux maisons commandées par un portugais émigré au Brésil, et construites à peu près simultanément au Brésil et au Portugal. Ce seront deux hôtels particuliers construits après 1910 dans l'esprit des chalets de villégiature à la mode durant le Second Empire français : on peut habiter le « nouveau monde » en regardant vers le passé. La posture opposée existe également, bien entendu : Gisèle Razera montre comment la longue carrière de Camilo Castelo Branco lui permit de revendiquer après 1870 la paternité du roman réaliste, au terme d'une phase romantique. Il s'intéresse alors aux thèmes associés à l'émigration portugaise vers le Brésil. Cet intérêt coïncide en effet avec la rapide progression des départs d'Europe vers les Amériques. Particulièrement au Brésil depuis que les lois proscrivent la traite négrière et affranchissent les enfants d'esclaves, comme le signale Eduardo Andrés Ruz Torres dans ce volume, l'arrivée des Européens est recherchée. Parmi eux, un tiers d'Italiens, presque autant de Portugais, et 15 % d'Espagnols. Beaucoup d'entre eux voyaient leur région incapable de continuer à vendre des céréales en raison de l'arrivée massive en Europe, sur de grands navires, de blés des plaines américaines (voir *imagem 1*).

L'anonymat de l'univers urbain appelle d'ailleurs aussi bien une pensée de la « dérégulation » dont parlent des auteurs sédentaires comme Heidegger que des philosophies de l'accueil d'autrui selon des penseurs dont la vie s'est développée au carrefour de plusieurs langues. Lévinas, penseur juif français d'origine lituanienne construit son œuvre à partir de l'idée qu'en dépit de l'artificialité apparente de nos environnements, nous sommes liés aux autres de manière irrécusable, de la naissance à la mort. Toute rencontre véritable est une brèche où priment l'émotion et la reconnaissance d'autrui. A rebours de l'instrumentalisation, nous sommes à la disposition d'autrui, lui sommes redevables. Nous lui devons absolue protection. C'est de notre relation à autrui que nous apprenons notre propre humanité. Pour des auteurs

« progressistes », ce même défi conduit à rechercher des formes d'empathie et le déploiement d'une collectivité à l'œuvre : c'est le cas avec *l'auto-institution* chez Castoriadis (exilé grec), avec la *convivialité* chez Illich (exilé autrichien) ou avec la *reliance* chez Morin (juif français engagé dans la résistance en 1942). La grande ville transforme les pensées et pourrait nous faire manquer l'essentiel : Ulysse, en quête du retour au foyer, conserve son repère initial ; le citadin est toujours emporté, hors de son site. Nous comprenons avec quel désespoir Virginia Woolf quémande « Une chambre à soi » pour assumer sa personnalité littéraire, comme on lira plus loin dans l'article de Francisco de Souza Gonçalves.

L'exil est une métaphore, tout comme l'enfermement peut l'être. Le regard de Norma Telles sur la situation des femmes éduquées au Brésil au dix-neuvième siècle explore ces expressions en mode mineur. Sans pouvoir assez publier ni être lues, elles auraient sourdement sapé les certitudes dominantes, machistes et esclavagistes. Cette littérature indique une forme encore inassumée d'alternative. La position de la femme écrivaine après Mary Shelley, George Sand, Colette, Virginia Woolf ou Simone de Beauvoir, serait ainsi préparée par cette migration, depuis l'exil en une intimité fallacieuse dictée par une censure active, jusqu'à la surexposition de mise aujourd'hui. Femmes et marginaux sont définis par leur impossible accès à la publication. L'écriture est une forme d'objectivation de soi, et par là de libération : la publication symbolise cette émancipation.

Le thème central de ce volume est particulièrement actuel. Phénomène nouveau au dix-neuvième siècle, l'émigration n'a pas cessé de nos jours. L'OCDE⁴ a publié en septembre 2015 un rapport concernant les migrations vers les pays développés membres de cette organisation (dont le Brésil n'est pas membre). On n'a jamais dénombré autant de migrants par le passé. Plus de quatre millions de personnes quittent leur pays chaque année pour entrer dans l'un des pays de l'OCDE. Voyages, migrations, nomadismes et exils. Mémoires et héritages des déplacements territoriaux. Bien évidemment, une telle thématique n'appartient pas au dix-neuvième siècle. En ce temps, la « bohème » est un opéra dont la thématique dérive des *Scènes de la vie de bohème* d'Henri Murger. Il s'agit des milieux artistes parisiens à la veille de la révolution de 1848, non du voyage des « bohémiens », comme les Français d'alors nommaient ces

⁴ [Voir ici.](#)

saute-frontières d'Europe centrale, tziganes ou roms, gitans s'ils sont d'Espagne. Viollet-le-Duc écrivait d'ailleurs : « *Cet artiste, bohémien civilisé, vivant au jour le jour, voisin de la misère, travaillant on ne sait quand, produisant on ne sait où ni comment des chefs-d'œuvre, entre un déjeuner chez Véfour et un bal de l'Opéra, joueur, immoral et plein de cœur, sceptique et dévoué, léger et profond, railleur et sensible; ce paradoxe vivant n'existe plus... que dans les vaudevilles* »⁵. Dans cette lettre étonnante, présentée et traduite dans ce volume par Renato Menezes Ramos, l'architecte exprime une « pensée officielle ». Il expose une vision figée de l'art. Soucieux du beau, les artistes seraient uniquement mus par une intention pure, ni révolutionnaire, ni amie du mouvement car elle vise la perfection. Le *parti de l'ordre* peut respirer et célébrer les illuminations des Grands Boulevards.

Si le terme « bohème » renvoie plus au dérangement qu'au voyage, comment caractériser les mouvements de population au dix-neuvième siècle ? Avant 1850, le terme désignant les errants européens serait davantage « vagabond » que nomade ou migrant. Les pauvres et les populations surnuméraires que les crises agricoles récurrentes jettent sur les chemins⁶ précèdent les grandes migrations transatlantiques. Au début au moins, celles-ci étaient généralement sans retour, pour diverses raisons, dont la faiblesse des moyens de communication.

Cette situation devait durer une partie du siècle suivant, ce qui explique la présence ici du texte de Mágná Tânia Secchi Pierini sur *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão, paru en 1926. Cette relation de voyage concerne des lettrés à une période pour laquelle les contacts radio étaient encore une rareté technique⁷ Bien sûr, ce texte est orienté par un souci bien différent que celui qui anime la masse des migrants. Il s'agit d'un voyage avec retour, participant d'un tourisme aristocratique, qui s'est développé au long du dix-neuvième siècle : Jules Verne avait son navire de grand voyage. Madère, ce plateau volcanique en plein océan, fut choisi par Christophe

⁵ La traduction intégrale en portugais et une présentation de cette lettre figurent dans ce numéro.

⁶ Bronislav Geremek a consacré ses études à ce sujet, publiant *La Potence et la pitié. L'Europe des pauvres, du Moyen Âge à nos jours*, Gallimard, 1987. Il fut par ailleurs l'un des principaux responsables du mouvement Solidarnosc en Pologne

⁷ Les Açores et Madère furent cependant des points géographiques remarquables pour des relais de câbles télégraphique vers les Amériques à la fin du dix-neuvième siècle. Voir par exemple un bref [document](#) portugais et un [texte](#) étonnant de H. Blerzy paru dans la *Revue des Deux mondes* en 1863, « La télégraphie océanique ». Ce texte est antérieur à la mise en service opérationnelle d'un câble nord-atlantique entre Valentia (Irlande) et Terre-Neuve (Canada) en 1868, la première tentative, en 1858, ayant fonctionné quelques semaines seulement.

Colomb pour se retirer après ses exploits maritimes : la petite île de Porto-Santo abrite encore sa maison, intacte, un jardin en pente et fleuri à peu de distance de l'océan. Les Açores restent encore aujourd'hui l'archipel apprécié des voiliers qui y font escale sur la route des Caraïbes. Brandão se penche sur ce qui peut subsister d'une sensibilité aux voyages, peu avant que la stéréotypie, aujourd'hui généralisée, ne nous fasse retrouver les mêmes enseignes et les mêmes dispositifs commerciaux d'un pays à l'autre. Il n'est donc pas surprenant que ce *Voyage* n'ait pas été un succès de librairie. Mais cette randonnée vers des archipels oubliés de l'histoire pointe une nostalgie sensible aux lieux de mémoire. Il n'est pas absurde de parler d'un « axe cosmique » aux Açores.

En de tels lieux symboliques, il y a comme un mystère à projeter sur un site une ombre venue du passé. Voici un lieu que nous explorons afin d'en sentir le retrait, la réserve inaccessible aux mots dont nous disposons. La fascination qu'exercent les sites remarquables, naturels ou habités tient à cette distance silencieuse où ils nous tiennent. Comment parler d'un lieu où nous voyons un symbole ? C'est particulièrement le cas des îles, microcosmes fermés et simultanément ouverts au monde. Daniel Defoe le savait en écrivant *Robinson*, et j'atteste que le paysage d'une péninsule sarde s'oriente quand nous sommes sur la piste d'un port grec dont le site fut préservé par la fin de toute activité en ce lieu depuis près de deux mille ans. Tout aussi bien, le lieu d'exil de Victor Hugo pendant dix-neuf ans, Guernesey, voit son charme accru par la présence sur sa lande de vestiges minéraux d'une occupation humaine voici quelques sept mille ans, tumulus, dolmens ou chambres funéraires affleurant entre roche et dune. Dans les années 1930, l'anthropologue Michel Leiris se confronta sous deux angles différents à cette épaisseur du langage, filtre de notre rapport au monde et à nous-mêmes. *L'Afrique fantôme* relate l'insurmontable décalage entre les hommes de la mission « Dakar-Djibouti » et les lieux qu'ils traversent, et *L'Âge d'homme* ouvre la voie à une autobiographie conçue comme un voyage introspectif. Ainsi, la modernité nous éloigne-t-elle de nos lieux par une puissance de désappropriation dont l'émigration et le voyage sont des figures (voir *imagem 2*).

En matière de voyages et de migrations, le style du XIX^{ème} siècle survit à peu de choses près jusqu'à la veille de la seconde guerre mondiale. La conjugaison des progrès techniques dans les transmissions radio et l'aviation modifient radicalement le contexte des migrations. Dès la première moitié du vingtième siècle quitter son foyer ne signifie plus nécessairement perdre les contacts. La poste aérienne démocratise les échanges à distance. Surtout, les migrations cessent d'être principalement liées à la création de centres industriels, mais sont de plus en plus souvent liées à des tensions idéologiques. L'exil des Juifs allemands commence avant 1933. Theodor Herzl, fondateur du sionisme, avait théorisé au dix-neuvième siècle la nécessité pour les Juifs d'Europe centrale de quitter l'Europe pour s'installer en Palestine. La migration comme enjeu politique est donc thématifiée au moment où elle bat son plein pour ceux qui fuyaient la misère : il fallait aussi fuir la peur. C'est bien ce que signale après la catastrophe Vilém Flusser : « Avoir perdu son foyer, ce n'est pas avoir abandonné un lieu, mais devoir vivre en un lieu inhabituel, et pratiquement inhabitable. Devoir vivre dans un environnement dans lequel nous ne nous reconnaissons pas. Nous sommes en transit, parce que notre monde s'est si radicalement transformé qu'il est devenu inhabituel et inhabitable. Nous ne nous reconnaissons plus en lui. Et c'est bien à cela que nous ne pouvons pas nous habituer⁸. Flusser était habité par la conviction que l'humanité ne reprendrait pas le contrôle. Le destin des bourgeois ne diffère plus, en son sens véritable, de celui des victimes de famines et de génocides : la barbarie née de nos progrès ne sera pas stoppée dans notre monde « unidimensionnel » (Marcuse). Les générations antérieures pouvaient rêver d'éternité, nous sommes pris dans l'équation « Territoire = Transitoire » (voir *imagem 3*).

En 1915, un diplomate américain en poste à Istanbul invente le terme de génocide pour caractériser les actions de l'armée turque contre les Arméniens déportés et massacrés. Les survivants essaimeront dans le monde entier. Les littératures d'exil et la problématique des migrations relèvent donc d'une élaboration postérieure à 1930, qui forme la limite de ce dix-neuvième siècle tardif. Le *Voyage au bout de la nuit* de Céline est un repère commode. Paru en 1932, il décrit la guerre de 1914 comme une sorte d'exil sur place, dans un *im-monde*, et obtint le Prix Renaudot. L'année

⁸ FLUSSER, Vilém. [Nossa morada](#). Traduction de l'auteur.

précédente, Saint-Exupéry donnait *Vol de nuit* qui emportait le Prix Femina. L'exilé moderne n'est plus un paysan chassé par la misère, mais un homme quelconque que le destin transforme en victime et en combattant. Une personne éduquée qui choisit une destinée aventureuse et partiellement nomade n'échappe pas à cette détermination. Des narrations aux styles bien différents peuvent évoquer cette situation : les ouvrages de Canetti ou de Beckett l'expriment de manière frontale quand les de films de Spielberg ou de Clint Eastwood le font de manière figurée.

Nous percevons les événements de la seconde moitié du dix-neuvième siècle comme prémonitoires. Quitter sa patrie et tout reprendre à zéro, c'est combattre. Les milliers d'Européens partis de Hambourg⁹ ou de Gênes vers les Amériques l'ont su, mais ont-ils pu laisser des traces ? Ils ont trimé, aimé, éduqué leurs enfants, vieilli et s'en sont allés après avoir transformé et fécondé les villes qui les accueillirent – maçons, boutiquiers, tailleurs, coiffeurs, livreurs¹⁰... Le trait majeur de la « grande ville » du XIXème siècle est son cosmopolitisme. C'est précisément ce trait issu des migrations que les nostalgiques européens d'un ordre romantique et villageois fustigeront comme l'œuvre sourde de juifs « apatrides ». Le point de rupture entre ces deux époques est donc bien constitué par la polarisation sur la « métropole », terme d'époque mis en lumière par Fritz Lang, futur exilé.

Revenons à la chronologie du dix-neuvième siècle. Les circulations un peu intenses avant 1850 relèvent de l'arrivée dans les faubourgs des grandes villes européennes de nombreux jeunes d'origine paysanne venant occuper les nouveaux emplois de manœuvre et de techniciens créés dans les fabriques¹¹. On assiste à la création de territoires industriels nouveaux, en Europe et en Amérique du Nord, autour des mines de charbon et des aciéries, des filatures et des chantiers navals. De manière générale, ce mouvement d'ampleur n'a guère suscité de regards étonnés ni été suivis de très près par les littérateurs. Mentionnons les économistes saint-simoniens, et, en France également, les célèbres enquêtes de Villermé sur la santé des salariés en

⁹ Le collectif de revues Eurozine a repris cette thématique à [Hambourg en 2012](#)

¹⁰ Paul-André Rosenthal établit nettement qu'au sein des populations migrant en Europe, la petite part qui migre au loin est proportionnellement plus citadine et moins illettrée que la majorité des personnes qui migrent à petite distance de leur lieu de naissance. [Voir ici](#).

¹¹ [Voir ici](#). Il est à noter qu'en proportion, dès cette époque, les citadins circulent davantage d'un lieu à l'autre que les ruraux. Voir : [P-A ROSENTHAL, P-A.](#)

France¹². En Angleterre, on citera non seulement Marx qui y étudia les économistes et dont la concentration industrielle lui inspira sa description d'un prolétariat dont l'émancipation serait potentiellement révolutionnaire, pour peu qu'un syndicalisme clairvoyant vienne l'organiser, mais Charles Dickens et bientôt John Stuart Mill, dont l'influence sur les mouvements sociaux et le « travaillisme » fut déterminante¹³.

Même si les départs aux Amériques continuent depuis 1500, c'est autour de 1850 que de grands mouvements de population vers le nouveau monde se développent. La ruée vers l'or californien commence en 1848, la famine irlandaise dure de 1845 à 1852 et plusieurs millions de pauvres fuient l'île vers la Grande-Bretagne et l'Amérique du Nord. Après 1860, les steamers ouvrent des lignes régulières qui transporteront annuellement des milliers d'émigrés allemands et italiens, espagnols ou suédois, français ou hollandais, suédois ou roumains, levantins (Grecs, Libanais, Syriens...) ou tchèques sur les côtes d'Amérique du Nord et du Sud. La proportion des Français, inférieure à celle des autres nations, s'explique parce que ce pays enregistre dès le début du dix-neuvième siècle une forte réduction du nombre des naissances par femme¹⁴ : la combinaison de misère et de surpopulation est moindre qu'ailleurs. De plus, un débouché plus aisé était offert en Algérie, récemment conquise et bientôt peuplée par des populations européennes – Italiens et Espagnols y viennent nombreux aux côtés des Français.

Ainsi le lien doit-il être établi avant tout entre migration et pauvreté. Si le prolétariat industriel est en passe de se sédentariser, les « mobiles » sont des ruraux qui, devenus mineurs, pêcheurs ou ouvriers, participent à la construction du monde capitaliste sans y prendre la parole. Il faut un Emile Zola, fils d'un italien qui a bien réussi son installation au Sud de la France, un Joseph Conrad, polonais ayant navigué des années comme marin de commerce et familier des grands ports européens, pour rendre l'ambiance de ces années charnière. Ils rompent avec le courant dominant des

¹² [Voir ici](#). Voir aussi l'ouvrage pionnier en 1958 de Louis Chevalier, [Classes laborieuses, classes dangereuses](#).

¹³ [Voir](#) un article sur l'ouvrage classique de Thompson : et la synthèse plus large de l'âge industriel, voir les [travaux](#) d'Éric Hobsbawm.

¹⁴ Sur l'histoire de la population française, [voir ici](#). L'auteur note p. 655 que la baisse de la fécondité (dès 1770 en France) explique la stagnation de la population française, tandis que celle des pays voisins double au dix-neuvième siècle : la baisse de fécondité n'apparaît chez eux que postérieurement à la baisse moyenne de la mortalité.

écrivains charmés par l'exotisme et dont le périple en Orient se devait de faire l'objet d'une relation littéraire.

L'exil, figure politique

Ce numéro balise un moment de passage, d'un contexte où la prise de parole est réservée à une minorité dominante à un autre où elle est une revendication politique pour tous. Après les premières années d'une république fragile, marquée par la censure et la répression des Communards de 1871, la loi française de 1881 sur la liberté d'expression et de publication est un tournant. L'un des thèmes des écrivains à la fin du dix-neuvième siècle est d'inscrire la parole du peuple sous une forme littéraire : on le vérifiera dans ce volume grâce à Janaína Pinto qui traduit une nouvelle de Joris-Karl Huysmans consacrée à la guerre de 1870, qui vit les troupes françaises se replier face à l'avancée prussienne.

Sur l'arrière-plan de l'émigration, l'exil politique est une figure minoritaire. L'exilé refuse l'émigration et ne pense qu'au retour. La répression politique et l'exil, tout comme la perte de citoyenneté et le racisme sont d'une autre nature que l'émigration choisie pour échapper à la misère de sa région, et appellent d'autres réflexions. Cette mise en perspective à la fois technique et sémantique est au cœur du dossier proposé. Une figure exceptionnelle est ici celle du capitaine Alfred Dreyfus, condamné à la déportation au bagne de Cayenne après une accusation falsifiée et d'un procès injuste, il put finalement rentrer en France après avoir été gracié. Si cette histoire est bien connue, les cahiers griffonnés au bagne, que Dreyfus a conservé, aujourd'hui à la Bibliothèque nationale de France, ont été publiés récemment¹⁵. Il est poignant de voir à quel confinement cet ingénieur militaire a été réduit pendant ces années. Il s'abandonna à diverses procédures graphiques compulsives pour ne pas perdre espoir et résister à la folie : réflexions sur quelques souvenirs de lectures, calculs répétitifs, graphismes répétitifs parsèment ses cahiers de détenu. Les littératures de l'exil ne sont pas majoritairement des livres édités. Nous devrions porter attention aux expressions sans caractère esthétique ou poétique, ces formes de résistance à la folie et à

¹⁵ [Voir ici](#)

l'enfermement : l'exil est l'autre de la prison. Étudier les expressions carcérales serait un immense domaine à explorer.

Ce volume évoque enfin la situation problématique des écrivains en exil. Ils doivent tout à la fois assurer leur existence matérielle et poursuivre leur œuvre. Depuis son exil londonien, Jules Vallès, condamné à mort en France comme Communard, lutte inlassablement pour maintenir sa présence littéraire dans l'attente du retour. Manquant de soutiens comme d'argent, rebuté par la censure de son nom proscrit, il s'appuie sur ses amis français pour soutenir sa réputation. Virginie Prioux présente ici, à travers les échanges épistolaires entre Vallès et Zola, un aperçu des stratégies éditoriales face à la censure qui règne à Paris jusqu'en 1880¹⁶, et nous voyons l'importance concrète des réseaux personnels de recommandation grâce auxquels un auteur peut contourner la censure, non sans quelque désespoir : attendre de la postérité qu'elle rende justice ne rend pas les années perdues : Vallès ne vivra que cinq ans après son retour. La répression des Communards entache les débuts de la république en France. Ces auteurs revenus d'exil ont intériorisé une dureté dans la pensée et une capacité renforcée à affronter l'adversité. Ils se sont radicalisés, ainsi de Louise Michel, qui vécut jusqu'en 1905 en militante anarchiste après son retour de Nouvelle-Calédonie en 1880. Rendons-leur hommage car il est essentiel que se dressent des voix pour en appeler aux consciences quand des hommes sont humiliés.

En effet, il faut toujours un effort pour sortir du cadre et entrevoir des possibles neufs. La moderne splendeur des villes est allée de pair avec des réactions hostiles à leurs métissages. Leur croissance a été stupéfiante : São Paulo comptait moins de 30.000 habitants en 1872. La polarisation européenne contre ces évolutions fut meurtrière... avec pour conséquence une expansion encore plus rapide des principales villes d'Amérique. Moins tragique furent les migrations d'ingénieurs ou d'artistes et les pérégrinations de journalistes, des diplomates et des écrivains qui virent ces personnalités entreprendre de grands voyages et exprimer leur créativité là où ils étaient parvenus. De leur héritage provient l'essentiel de notre monde (voir *figura 4*).

¹⁶ Zola, comme Vallès, dut s'exiler après la Commune. Il ne fut pas condamné et put rentrer en France assez vite. S'il est porté à soutenir son confrère réprouvé, ce n'est pas pour des raisons d'estime seulement, mais par une solidarité d'exilés. Voir BECKER, Colette, Correspondances d'exilés, in *Cahier Jules Vallès* n° 28 1999, « Correspondance d'exil », dirigé par Silvia Disegni.

Cette publication ayant accueilli nombre de contributions de qualité, dont plusieurs en français, les éditeurs ont décidé de faire paraître régulièrement l'éditorial en français comme en portugais pour atteindre un lectorat plus large et qui ne se formalisera pas de la juxtaposition des langues dans un même ensemble de textes.

Gérard WORMSER
directeur de la revue Sens Public
www.sens-public.org